

Temas em Saúde Coletiva

24

Pesquisa Participativa em Saúde: Vertentes e Veredas



Instituto de Saúde
2018
São Paulo

Instituto de Saúde

Rua Santo Antônio, 590 - Bela Vista
São Paulo-SP - CEP: 01314-000
Tel.: (11) 3116-8500
Fax: (11) 3105-2772
www.isaude.sp.gov.br

Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo

Secretário de Estado da Saúde de São Paulo
Marco Antonio Zago

Instituto de Saúde

Diretora do Instituto de Saúde
Luíza Sterman Heimann

Vice-diretora do Instituto de Saúde

Sônia I. Venancio

Diretora do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento

para o SUS-SP
Sílvia Regina Dias Médici Saldiva

Diretora do Centro de Tecnologias de Saúde para o

SUS/SP
Tereza Setsuko Toma

Diretor do Centro de Apoio Técnico-Científico

Márcio Derbli

Diretora do Centro de Gerenciamento Administrativo

Bianca de Mattos Santos

Coleção Temas em Saúde Coletiva Volume 24 -

Pesquisa Participativa em Saúde: Vertentes e Veredas

ISBN 85-88169-01-0 Coleção Temas em Saúde Coletiva
ISBN 978-85-88169-34-0

Tiragem: 2000 exemplares

Pesquisa Participativa em Saúde: Vertentes e Veredas

Organização: Renata Ferraz de Toledo, Tereza Etsuko da Costa Rosa, Tânia Mezzomo Keinert, Carlos Tato Cortizo

Edição: Márcio Derbli

Imagem da capa: Wassily Kandinsky (1923), Composição VIII, Óleo sobre tela, Museu Solomon R. Guggenheim

Tradução (prefácio): Tânia Margarete Mezzomo Keinert, Ana Ágata Mezzomo Keinert (revisão técnica)

Revisão, capa e tratamento de imagens: Imprensa Oficial do Estado S/A - IMESP

Projeto gráfico, editoração e impressão: Imprensa Oficial do Estado S/A - IMESP

Núcleo de Comunicação Técnico-Científica

Camila Garcia Tosetti Peção

Administração

Bianca de Mattos Santos

Conselho Editorial Executivo

Camila Garcia Tosetti Peção

Carlos Tato Cortizo

Luíza Sterman Heimann

Márcio Derbli

Maria Thereza Bonilha Dubugras

Sílvia R. M. Saldiva

Tereza Setsuko Toma

Este livro não pode ser comercializado e sua distribuição é gratuita.

A versão online está disponível no site www.saude.sp.gov.br/instituto-de-saude/producao-editorial/temas-em-saude-coletiva

Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado S.A. - IMESP

Pesquisa participativa em saúde: vertentes e veredas / Organizadores Toledo, Renata Ferraz de [et al. ...] - São Paulo : Instituto de Saúde, 2018. 568p.

Vários autores

ISBN 978-85-88169-34-0

1. Pesquisa participativa baseada na comunidade. 2. Pesquisa-ação em saúde. 3. Saúde - Pesquisa - Metodologia I. Toledo, Renata Ferraz de II. Rosa, Tereza Etsuko da Costa III. Keinert, Tânia Mezzomo IV. Cortizo, Carlos Tato

CDD 362

14. *Design thinking* como ferramenta de intervenção para mudança da prática assistencial na Atenção Integral à Saúde da Criança - em foco a gestão assistencial do desenvolvimento infantil
Caroline Carapiá Ribas Lisboa, Sonia Isoyama Venancio335
15. Relato de pesquisa-ação com ênfase em educação voltada à saúde única: experiências de um pesquisador ao despertar para abordagens participativas
Arnaldo Rocha.....357
16. Necessidades de saúde e processo de trabalho em unidades de saúde: uma Abordagem Participativa com Instrutores de Práticas Meditativas
Mário Sebastião Fiel Cabral, Maria Ângela Bianconcini Trindade, Tereza Etsuko da Costa Rosa.....375
17. Ressignificação de saberes e práticas na educação em saúde: uma experiência com Agentes de Vigilância Ambiental à Saúde em ações de controle da dengue
Ana Lucia de Mello, Roseli Verônica de Souza, Eduardo Rodrigues Meyer411
18. A judicialização da saúde na perspectiva dos atores das áreas jurídica e da saúde: uma pesquisa exploratória utilizando o grupo focal
Sarah Quintão, Marcela Furtado Calixto, Wagner Aristides Machado da Silva Pereira, Weslley Carlos Ribeiro, Tania Margarete Mezzomo Keinert.....437
19. O uso de técnicas de pesquisa participativa frente à complexidade do sistema agroalimentar
Tatiana Matuk, Renata Ferraz de Toledo469
20. Pesquisa Participante como instrumento de apropriação do processo de trabalho em saúde mental de Agentes Comunitários de Saúde
Fabiana Santos Lucena, Ana Luisa Aranha e Silva481

Relato de pesquisa-ação com ênfase em educação voltada à saúde única: experiências de um pesquisador ao despertar para abordagens participativas

Arnaldo Rocha¹

Durante muitos anos de estudos, desde a graduação em medicina veterinária até o mestrado na área de epidemiologia experimental aplicada às zoonoses, todas as minhas experiências e vivências acadêmicas se balizaram pelo positivismo, pelo determinismo, valorizando as causas e efeitos em ensaios repletos de controles das variáveis, em ambientes rigidamente controlados, com resultados considerados confiáveis quando reproduzíveis e generalizáveis, normalmente validados por testes estatísticos, tudo muito quantitativo e mensurável por escalas exatas e nas prerrogativas de Descartes.

A oportunidade de realizar pesquisa-ação participativa surgiu como opção para os trabalhos do doutorado e por estímulo do meu orientador, educador por excelência, com formação em medicina veterinária e pedagogia.

Ao aceitar o desafio do doutoramento empregando pesquisa-ação mergulhei num mundo diferente, cheio de informações novas, que me atraiu, me seduziu e me conquistou.

¹ Arnaldo Rocha (arnaldo.rocha@fmu.br). Doutorando do departamento de medicina veterinária preventiva e saúde animal (VPS), da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ/USP) e professor da graduação e do Mestrado Profissional do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU).

Primeiramente a pesquisa-ação me fascinou pela possibilidade de envolvimento, já que nessa modalidade, o pesquisador interage com o grupo escolhido para estudo, estimulando e participando ao mesmo tempo como pesquisador e membro da comunidade participante.

Outro ponto positivo da metodologia aqui discutida é o seu potencial transformador. Reflexões sobre os problemas do cotidiano, seguidas de estímulos para que se busquem soluções acontecem em ciclos, os participantes vão construindo novos saberes durante todo o processo e não recebem passivamente informações de resultados da pesquisa científica realizada em realidade distante do qual o projeto se desenrola.

A escolha do método a ser adotado numa investigação científica é influenciada por diversos fatores, dentre eles os técnicos, como objeto de estudo, pergunta da pesquisa, objetivos, recursos e prazos, além dos aspectos de cunho pessoal, como a familiaridade ou inexperiência em relação à abordagem.

A decisão por pesquisa-ação participativa, em nosso caso, aconteceu nas primeiras etapas do planejamento, queríamos a colaboração dos atores sociais das comunidades menos favorecidas selecionadas, onde existiam situações de vulnerabilidade social e esperávamos transformações.

No Brasil, país com dimensões continentais e em desenvolvimento, não faltam opções a quem escolha trabalhar com essa categoria.

A pergunta norteadora da investigação foi: pesquisa-ação com ênfase na educação em saúde agrega conhecimentos e promove saúde animal, humana e ambiental?

Assim, o tema da pesquisa foi delimitado dentro da grande área da educação em saúde pública veterinária, mas no contexto da saúde única, ou, na falta de termo brasileiro que explique melhor essa tendência mundial de atenção à saúde, "*one health*".

Embora o programa de pós-graduação (doutorado) ao qual nos mantivemos vinculados durante as ações oferecesse recursos de infraestrutura, como salas de estudo, computadores, salas de reuniões, biblioteca, linha telefônica, etc., a distância das comunidades escolhidas para o estudo impossibilitou que os encontros e ações pudessem ser realizados nas dependências da Universidade.

Os custos das ações desenvolvidas nas comunidades, como gasolina, papéis, cartolinas, lápis e canetas coloridas entre outros, foram financiados com recursos próprios.

Nas etapas iniciais do planejamento adequamos a pesquisa e as ações de forma que terminassem ao final de quatro anos, balizados pelo regimento do programa de pós-graduação da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP).

Um adendo: há cientistas financiados com recursos públicos que enveredam por trilhas investigativas e consolidam suas carreiras profissionais distantes dos interesses da sociedade. Se estabelecem numa zona de conforto proporcionada por publicações de numerosos artigos científicos em revistas de impacto internacional, porém, sem proporcionar benefícios sociais.

Espero que os relatos presentes nesse capítulo sirvam de estímulo aos leitores, um convite a reflexões sobre a possibilidade de implementarem pesquisas-ações participativas em suas investigações científicas.

Pode ser muito gratificante, produtivo e prazeroso aumentar o leque de possibilidades de trabalho, investir tempo e energia no estudo de novas abordagens que venham enriquecer as pesquisas e proporcionar ganhos sociais.

Sendo assim, uma das primeiras coisas a se ponderar: pesquisa-ação é compatível com todos os tipos de investigações? Será que o método é aplicável à investigação desejada?

Há de se considerar que existem metodologias de pesquisa que se encaixam melhor a determinadas situações, por outro lado, não existe uma que seja a melhor para todas as circunstâncias.

Não se trata de julgar certo ou errado um método ou outro, mas a sensibilidade na escolha do mais apropriado ao que se deseja atingir pode fazer toda a diferença, deve-se buscar a forma mais adequada para responder a uma questão da pesquisa.

A metodologia da pesquisa-ação participativa tem sido empregada em diversas áreas do conhecimento, como psicologia, sociologia, educação, cultura, ciências ambientais, urbanismo, economia solidária, enfermagem, medicina, medicina veterinária, entre outras¹.

Certa vez, numa conversa sobre pesquisa-ação, o profissional que me dirigia a palavra, radicalmente ligado às pesquisas epidemiológicas quantitativas disse:

“ - Isso não é pesquisa científica, é contação de histórias.”

O comentário acima serviu de alerta, reforçando quão importante é o rigor científico e o domínio dos pressupostos teóricos na aplicação da metodologia da pesquisa-ação, sem os quais não será aceita pela comunidade científica mais tradicional.

Fato é que as pesquisas com abordagens participativas vieram preencher uma lacuna, aproximar ciência e população em seu cotidiano, cientistas e atores sociais, teoria e prática².

Na pesquisa-ação, que é um dos tipos de pesquisa participativa, mas não o único, o investigador é também facilitador, integrante que interage de igual para igual com os demais, opinando, observando, dando voz aos componentes e escutando suas opiniões, seus anseios, angústias, sentimentos, e, para fins de pesquisa, faz registros sistemáticos e analisa as informações colhidas, considerando o contexto social e econômico a que pertencem³.

Por exemplo, o grau de violência em determinadas comunidades e a ineficiência dos serviços de segurança pública podem afetar os trabalhos a campo. Sabe-se que essa relação é complexa, com raízes profundas, que não é o policiamento ostensivo, punitivo que vai resolver o problema.

Por outro lado, são questões como essas, sociais, complexas, que se mostram como bons exemplos de temas indicados para abordagens participativas, com grande potencial para conscientizações, transformações e empoderamentos.

Há comunidades brasileiras tomadas por milícias, disputas entre gangues rivais do narcotráfico, além de situações geográficas de difícil acesso, com riscos de acidentes ambientais como deslizamentos de terra e cada um desses fatores pode inviabilizar as tarefas pelo alto risco à integridade física dos participantes.

Assim sendo, o reconhecimento dos detalhes das localidades onde se pretende desenvolver as ações é de fundamental importância impondo restrições e adaptações.

Embora o pesquisador possa se interessar em desenvolver trabalhos numa comunidade, quando há certas condições desfavoráveis podem desencorajar, dificultar ou até mesmo impedir sua realização.

Numa parte de uma comunidade em que os moradores eram visitados por nós para orientações sobre posse responsável de animais domésticos e zoonoses (doenças transmissíveis entre homens e animais), um alerta sobre restrição para o trânsito de pessoas e veículos, emitido por grupo ligado ao tráfico de drogas, impediu a continuidade dos trabalhos. A adaptação possível foi convidar os participantes a se deslocarem até a sede de uma associação assistencial situada no mesmo bairro, mas fora da área conflituosa, porém, a adesão aos trabalhos ficou aquém do esperado.

A seguir outro exemplo sobre determinantes na escolha dos locais onde os trabalhos de pesquisa-ação participativa são desenvolvidos: cogitamos fazer pesquisa-ação num bairro periférico do município de Bertioga, litoral norte de São Paulo, onde vários aspectos de importância social e complexos foram constatados. Tratava-se de uma ocupação irregular, em área de mananciais, com velocidade acelerada de ocupação, 8 a 10 barracos surgiam da noite anterior para o dia seguinte, ausência de saneamento básico, com muitos animais domésticos soltos pelas ruas, como bois, porcos, galinhas, cães, gatos, além dos sinantrópicos, como ratos e pombos e ainda ectoparasitas, como as pulgas, piolhos, percevejos e carrapatos que puderam ser visualizados nas visitas de reconhecimento da área.

Mesmo tendo percebido quão rica seria a pesquisa-ação na comunidade de Bertioga, especialmente pelos potenciais ganhos e conquistas para as populações humana e animal e também ao ambiente, a decisão foi não selecionar a localidade devido à distância que importaria custos com deslocamentos e também à indisponibilidade de tempo, seriam duas horas para ir e duas para voltar a cada ação nesta comunidade.

Isso posto, pode-se perceber que na etapa do planejamento da pesquisa, deve-se avaliar todos os aspectos que influenciarão ou até inviabi-

lizarão os trabalhos. Falhas nesta etapa podem resultar em frustrações, onerações e insucessos.

Todos os cientistas que desenvolvem trabalhos com humanos são obrigados a submeter seus projetos aos Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) e só podem começar suas pesquisas após a aprovação formal.

Em nosso caso a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde, via plataforma Brasil, foi realizado, tendo sido aprovado aproximadamente 30 dias depois da solicitação da análise e os trabalhos só iniciaram após a aprovação.

As ações educativas foram iniciadas com a divulgação da pesquisa nas comunidades, com a busca de pessoas interessadas em participar e acordos de parcerias com responsáveis por espaços compatíveis com o número de atores sociais dispostos a participar.

Nas comunidades selecionadas pudemos contar com o apoio e espaço de uma escola pública estadual, das sedes das associações de bairro, clube poliesportivo e organizações não governamentais.

No início de cada reunião o projeto de pesquisa-ação foi reapresentado para lembrar os antigos participantes e, especialmente, para situar os novos adeptos.

O empenho por melhorias coletivas (e individuais), a paciência, respeito às diferenças, a empatia, a dedicação e a persistência em atividades voltadas às comunidades são qualificações desejáveis ao pesquisador comprometido socialmente e favorecem o bom desempenho nas pesquisas-ações.

O caráter altruísta do projeto despertou dúvidas e desconfianças de várias pessoas incrédulas na possibilidade da oferta de ações desprovidas de interesse individual do pesquisador. Surgiram indagações como: qual político está por trás desse projeto? Vocês são de que partido político? Vocês são candidatos políticos ou missionários de qual igreja?

O investigador deve se esmerar para participar de igual para igual com os demais, ou seja, sua inserção deve ser tal que não destoe, ao mesmo tempo que é facilitador, é também participante.

Pessoas muito tímidas terão dificuldade em se adaptar às pesquisas-ações participativas, haja visto que o desenvolvimento das ações depende de comunicação, a princípio entre pessoas desconhecidas, com as

quais se deseja estabelecer uma construção em conjunto, uma relação de confiança e respeito num grupo dinâmico de participantes.

Na comunidade de Suzano, os primeiros contatos para estabelecimento de grupos de estudo, não lograram sucesso, por mais que a divulgação tenha sido feita por panfletos, em igrejas, na rua, na feira-livre e na escola do bairro. No dia e hora marcados não apareceu ninguém, o que nos fez refletir que também o dia, hora e local das atividades deveriam ser escolhidos em conjunto com os participantes e não decididos unilateralmente pelo pesquisador.

Em momentos posteriores, convidados a participarem em dias e horários sugeridos pelos próprios atores sociais, a participação continuou baixa, revelando pouca receptividade desse grupo às abordagens participativas de educação em saúde naquele momento.

Diante da baixa adesão aos encontros de pesquisa-ação participativa na comunidade, passamos a oferecer palestras, com temas determinados pela nossa equipe de pesquisa, a contragosto, pois a intenção era escutar os anseios da comunidade e aplicar estratégias de educação em saúde contemplando esses temas.

Se a pesquisa-ação em muitos aspectos é parecida com extensão universitária, nesse momento, das palestras na comunidade, com temas escolhidos pelos pesquisadores, tal proximidade ficou bastante evidenciada, ficando o participante da comunidade restrito a ouvir passivamente.

Nas atividades de pesquisa-ação participativa não deve haver intenção de ministrar aulas prontas, nos moldes da educação bancária, daquelas em que se despeja os conteúdos previamente escolhidos unilateralmente, sem levar em conta as particularidades e experiências dos espectadores.

Mas, como a pesquisa-ação acontece de forma dinâmica, em ciclos, há momentos em que se constata baixa participação, mas também há outros em que podemos constatar boa adesão dos atores sociais, engajados e desejosos de interação, inteiração e transformações.

Segue um exemplo de participação ativa ocorrida na mesma comunidade, em Suzano: A.M.S., 60 anos, viúva, com filhos adultos e distantes, solitária, residente em uma chácara, chegou com dificuldades de loco-

moção à reunião. Inicialmente relatou vários problemas de saúde, inclusive dificuldades para falar e andar (perceptíveis) decorrentes de acidente vascular cerebral, mas o que mais chamou a atenção foi sua disposição em participar das atividades educativas, que nessa ocasião foram uma roda de conversa sobre zoonoses.

Dentre suas falas:

“ – não me importo com diploma, não me importa onde serão as aulas, quero colocar meu cérebro para trabalhar.”

Além da participação na pesquisa-ação A.M.S. obteve concessão especial para receber, como aluna especial, orientações de leitura, interpretação de textos e redação, com professora voluntária, resultado da interação com o diretor e professores da escola onde as ações estavam sendo desenvolvidas.

No exemplo de A.M.S, além dos ganhos e transformações que puderam ser obtidos pela participação na pesquisa-ação, direcionados à saúde, ainda houve a aproximação dela com os educadores formais da escola do seu bairro, o que talvez nunca viesse a acontecer sem nosso projeto.

Um tema comum sugerido para estudos nas duas comunidades onde desenvolvemos pesquisa-ação com ênfase na educação em saúde, foi a qualidade, disponibilidade e uso racional da água.

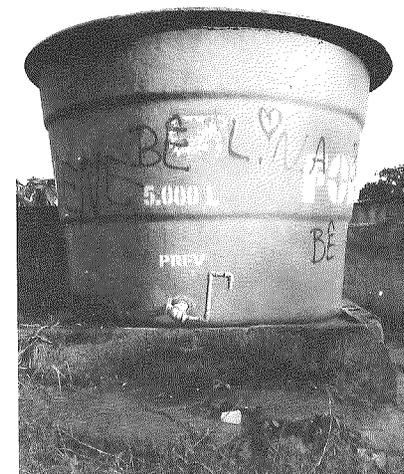
Na comunidade Batistine, localizada no município de São Bernardo do Campo, a maior parte da comunidade recebe água tratada da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo, mas problemas como desvio de água da tubulação oficial de forma clandestina e esgotamento sanitário em córregos em áreas de mananciais puderam ser vistos (Figura 1).

Figura 1 – Lançamento de esgotamento sanitário diretamente no córrego em área de manancial (foto do autor).



Quanto à Suzano, a questão da água na comunidade de Palmeiras ganhou outro enfoque, a falta de água encanada. E para resolver esse problema a prefeitura instalou caixas-d'água públicas e abastece diariamente com caminhões pipa (Figura 2).

Figura 2 – Caixa-d'água comunitária, solução provisória para ausência de água encanada para a população.



Aproveitando a sugestão para estudos sobre a água, colhemos amostras de bebedouros de pessoas e animais para análises microbiológicas e, embora a maioria dos pontos avaliados destinados a consumo humano apresentassem água potável, alguns bebedouros humanos e muitos bebedouros animais apresentaram-se contaminados com coliformes fecais.

Nos encontros onde o tema proposto para discussão foi água, de forma geral, sempre havia participantes com conhecimentos prévios pertinentes e que, através da interação nas atividades participativas, como painéis integrados, mapas falantes, rodas de conversa, entre outros, disseminavam ideias aos demais participantes. Podem-se perceber consensos sobre a importância da água de boa qualidade para a vida, para a saúde, além de divulgação de ideias sustentáveis de utilização racional da água, como aproveitamento da água da chuva e proteção de mananciais.

Embora deixássemos certa liberdade para a escolha dos temas a serem estudados nos próximos encontros, esclarecíamos reiteradamente que deveriam guardar relação com saúde pública veterinária, ainda que guarde relação indissociável da saúde humana e ambiental.

Em nossos estudos, também surgiram os temas: zoonoses, controle de animais sinantrópicos (pombos, ratos, morcegos, baratas, escorpiões etc.) direitos dos animais (tutoria, legislação, maus-tratos), posse responsável dos animais (Figuras 3 e 4), saúde e bem-estar animal, controle da reprodução e natalidade, domiciliação de cães errantes, castrações, esclarecimentos sobre caça, manutenção e tráfico de animais silvestres.

Figura 3 – Foto sobre o tema posse responsável dos animais. Bovino à beira da via, risco de acidente fatal envolvendo animal e veículos automotores (foto do autor)

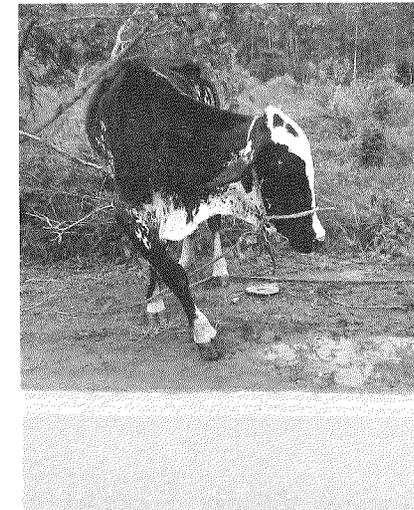
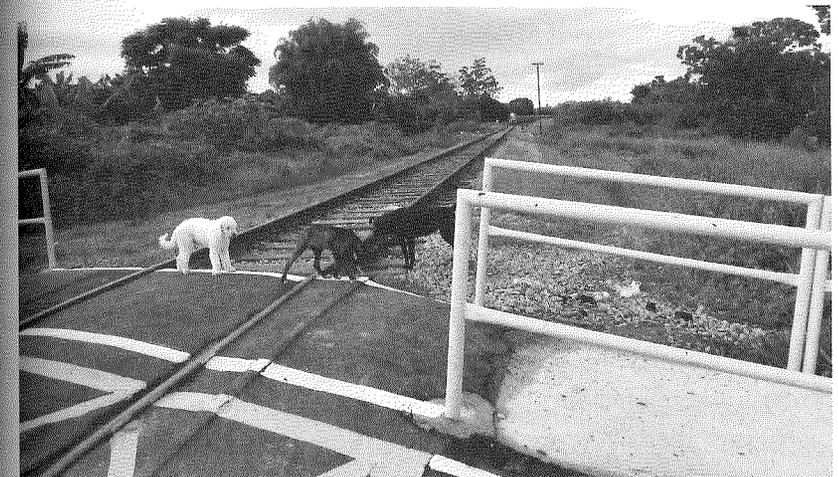


Figura 4 – Cães domiciliados ou semidomiciliados, soltos de forma irresponsável, sobre linha férrea (trem se aproximando) (foto do autor)



Com a pesquisa e as ações em andamento, deve-se cuidar para manter a “chama” do interesse dos participantes acesa. Constatamos que quanto mais o tempo passava, quanto mais as pessoas interagem, mais forte ficava o vínculo entre si, aumentava também a percepção da importância das ações coletivas colaborativas dirigidas ao bem da coletividade.

Fiel ao combinado com a comunidade por ocasião da apresentação do projeto de pesquisa-ação, permitimos a participação ativa dos adeptos em todas as etapas e fomos surpreendidos com a solicitação de atividade educacional direcionada a obesidade em pessoas com deficiência física e/ou mental.

Para essa demanda preferimos buscar ajuda de especialistas externos ao projeto, no caso uma nutricionista. O grupo formado para essa ação educativa foi composto por 30 pessoas, com deficiências que variaram de leves, quase imperceptíveis, até severas, com comprometimento da comunicação.

Para um grupo tão heterogêneo, a estratégia educativa proposta foi a confecção de desenhos individuais sobre o que entendiam favorecer a ocorrência de obesidade (o que engorda) e o que poderia ser feito para evitar a obesidade (alimentos saudáveis), em folhas de sulfite A4, utilizando-se de canetinhas coloridas.

Após a confecção dos desenhos, estimulamos que fizessem explicações orais sobre as representações gráficas elaboradas, sempre respeitando os limites dos participantes e adaptando a atividade ao que fosse possível do ponto de vista cognitivo e motor.

Basicamente surgiram representações gráficas de duas categorias, alimentos calóricos, como massas, doces e gorduras, e desenhos de alimentos mais naturais, como frutas, legumes e verduras.

Estimulados a explicar os desenhos, surgiram ideias complementares, como a importância de exercícios físicos regulares e sob orientação de profissionais especializados.

Nossas ações sempre foram programadas para acontecer em vários encontros, com várias oportunidades de interações, reflexões, buscando algum empoderamento que não ocorre de forma rápida ou instantânea.

Doenças como leptospirose, raiva, leishmaniose e verminoses frequentemente foram lembradas e sugeridas como temas para estudos e reflexões nas ações.

Na ação educativa desenvolvida com o tema controle de animais indesejados que se instalam nas casas e se reproduzem descontroladamente, incomodando e oferecendo riscos à saúde, como pombos e ratos, os trabalhos foram compostos por mapas falantes, rodas de conversa e palestra proferida por funcionário público do centro de Controle de Zoonoses dos municípios.

Pontos importantes para o controle de animais sinantrópicos foram discutidos e reforçados pelos técnicos, entre eles a importância de não alimentar (nem deixar lixo que possa servir de alimento), tapar frestas e acessos para que esses animais não entrem nas residências, desmanchar nichos que possam servir de abrigo (não acumular entulho, lixo, caixas etc.).

Quando se quer a participação, adesão, bom aproveitamento das atividades educativas e transformações da realidade, até mesmo as estratégias socioeducativas a serem desenvolvidas podem ser escolhidas democraticamente pela maioria. Porém, como, muitas vezes, a maioria não domina estratégias educativas, apresentamos algumas opções compatíveis com o grupo, deixando que escolham.

As estratégias socioeducativas escolhidas pelos grupos e desenvolvidas em nosso projeto de educação em saúde única junto às comunidades menos favorecidas foram: rodas de conversa, mapas falantes, photo-voice e painéis integrados.

Rodas de conversa

O grupo é reunido com objetivo de discutir o tema central inicial ou os desdobramentos ocorridos nos ciclos de estudos anteriores.

Pessoas com posicionamentos variados a respeito dos temas interagem (Figura 5).

Figura 5 – Rodas de conversa sobre o tema zoonoses (foto do autor)

Perguntas iniciais podem ser feitas para dar início ao debate e nortear os participantes.

O moderador tem a tarefa de estimular o debate, mas também de permitir que todos se expressem livremente, sem sobrepujança de uns sobre outros.

Se os participantes se desviarem do tema proposto e entrarem em discussões que não agreguem informações à pesquisa, o moderador deve intervir reconduzindo-os à proposta central inicial.

O respeito e a ética são imperativos para o desenvolvimento desta atividade.

Mapas falantes

Os mapas falantes são bons instrumentos para interação das pessoas a cerca de um tema.

O material necessário para a atividade é cartolina ou algum tipo de papel semelhante, mas não muito pequeno para que todos consigam expressar suas ideias.

As pessoas são distribuídas em grupos. Quanto mais aleatórios e diversificados forem os grupos, melhor.

Grupos de 5 a 7 pessoas costumam ser mais produtivos (Figura 6).

Após confabularem, registram as ideias na cartolina e os apresentam para os demais.

Haverá interação entre os componentes do grupo e depois também no momento das explanações entre estes e os demais participantes.

Figura 6 – Elaboração de mapas falantes (foto do autor)

Ao final, depois de todos os grupos se apresentarem, o facilitador procura estimulá-los mais uma vez a discutirem os pontos mais relevantes de concordâncias e divergências, oportunizando as últimas colocações para aquela atividade.

Photovoice

A técnica de 'photovoice' é semelhante à dos mapas falantes, mas ao invés de desenhar, os indivíduos são convidados a fotografar a respeito do tema proposto.

Após a proposição do tema, por exemplo, animais abandonados, esgoto a céu aberto, os participantes colocam todas as fotos feitas juntas, se distribuem em grupos e cada grupo escolhe algumas fotos para trabalhar.

As fotos escolhidas pelo grupo não precisam ser as que cada indivíduo fez, fotos de componentes de outros grupos podem ser pegadas.

Em seguida inicia-se uma etapa de discussão a respeito das imagens escolhidas pelo grupo e estimula-se fazerem correlação com o tema proposto, sem se distanciarem dele.

Ao final, com as fotos coladas numa cartolina e permeadas com alguns poucos dizeres explicativos sobre o que representam, cada grupo expõe para o resto dos participantes as principais ideias que surgiram nas discussões que se antecederam, transmitindo opiniões, percepções, sentimentos, angústias, etc.

Painéis integrados

Nessa técnica dividem-se os grupos de aproximadamente cinco pessoas cada, distribuem-se cartolinas e material para escrita.

Em cada cartolina coloca-se o tema sobre o qual os participantes devem discutir, mas não sem antes confabularem a respeito.

Passados 10 minutos, as cartolinas devem ser passadas para o grupo ao lado (por exemplo no sentido horário) e as pessoas deverão agora ler o que acabaram de receber do grupo anterior, opinar, concordando, discordando, complementando, mas não sem antes confabular novamente entre si, e sempre justificando a nova frase a ser escrita.

As cartolinas são passadas de grupo em grupo até que todos tenham escrito sobre todos os temas.

A ideia, novamente, é enriquecer os trabalhos pelas discussões que se dão entre os indivíduos do mesmo grupo e também ao final, quando os organizadores procuram fazer um fechamento, momento em que novamente pode ser aberto para as pessoas complementarem alguma ideia que possa ter ficado sem ser posta nos painéis.

Além das estratégias supracitadas, quaisquer outras que valorizem a convivência, as trocas de saberes, as ressignificações, nas quais todos interajam ensinando e aprendendo, muitas vezes ressignificando temas importantes do cotidiano, podem ser desenvolvidas em pesquisas-ações participativas.

O que todas as estratégias adotadas em nossa pesquisa têm em comum? Favorecem o diálogo, reflexões, transformações, ao mesmo tempo que aproximam atores sociais e pesquisadores.

Qual a pretensão de nossas pesquisas? Não pretendemos generalizações, mas sim desenvolvimento humano e promoção da cidadania.

Pudemos constatar em diversos momentos que as reflexões e discussões em grupo sobre os mais diversos temas de saúde animal, humana e ambiental proporcionaram novos olhares, ressignificações e empoderamento dos participantes.

Referências

1. Thiollent M. Metodologia da pesquisa-Ação, 18 ed., Cortez, São Paulo, 2011, 136 pp.
2. Toledo RF e Jacobi PR. 2013. Pesquisa -ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. Educação e Sociedade. jan.-mar de 2013, Vol. 34, pp. 155-173.
3. Franco MAS. Pedagogia da pesquisa ação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005